

Eugénio de Andrade

O OUTRO NOME
DA TERRA

prefácio de
Fernando Pinto do Amaral

ASSÍRIO & ALVIM

A primeira frase de «Exemplos» devo-a a um amigo; ao iniciar o poema com as suas palavras dava-me a ilusão de que teriam sorte diferente daquele fio de água que se perdera num emaranhado de silvas, de que me dava notícia.

É na referência à morte, ou à ausência nela da lembrança de quem amamos, que um dos versos de «Sem Memória» se religa no meu espírito aos Salmos — o versículo em questão anda sublinhado num voluminho de capa preta que na minha adolescência me acompanhava muito, convencido então de que existiam palavras sagradas. Não há tal coisa.

Não sei se existem neste livro outras dívidas, excluídas naturalmente as que respeitam à incorrigível paixão de viver, de que não abdiquei ainda — mas essas não têm aqui cabimento.

CIDADE

O filho pela mão, vamos por estas ruas
esconjurando sombras, convocando
dunas, potros, o sol ainda fresco,
os cachorros latindo de alegria.
Meus olhos vão à frente farejando,
enquanto a mão dele ilumina a minha.

COM OS JUNCOS

Elas crescem, as crianças.
Crescem com os juncos,
com os mastros.
Crescem no meu coração esburacado.
Só as crianças não morrem.
E os gatos.

MATINALMENTE

Com a luz, com a cal
do verão entornada pela casa,
com essa música
tão amada e bárbara,
com a púrpura correndo
de colina em colina,
fazer uma coroa —
e de lágrimas cheia a taça
sagrar-te príncipe da vida.